

O desempenho das exportações brasileiras e os desafios futuros

As consequências da crise financeira mundial foram sentidas pelo comércio externo do Brasil em 2009, mas foi constatada uma reação gradual ao longo do segundo semestre. No próximo ano, as exportações brasileiras irão registrar melhores números graças à maior competitividade dos seus produtos e a ampla diversificação de mercados proporcionadas pelos empresários do país, apesar da desvalorização excessiva do dólar frente à moeda nacional.

A CONJUNTURA INTERNACIONAL

O atual cenário da economia global continua sendo preocupante. A crise financeira mundial ainda não foi superada, ou seja, todas as medidas domésticas estimulando o desenvolvimento e visando uma melhoria na saúde financeira dos países terão que prosseguir e até serem ampliadas caso os riscos para o crescimento mundial se ampliem no curto prazo.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) mostra uma preocupação com a perda de confiança de investidores e contribuintes na capacidade de equilíbrio fiscal dos países, uma vez que os seus níveis de endividamento e déficits públicos vêm atingindo valores recordes, principalmente no que diz respeito aos países desenvolvidos. Segundo o FMI, essa perda de confiança é um risco para a recuperação econômica mundial a médio prazo.

O grande desafio dos países é saber quando e como reduzir os estímulos dados e fazê-los de uma forma coordenada. O Fundo afirma que os países emergentes estão mais bem preparados para reduzir e acabar com seus pacotes de estímulo. Esses países devem se recuperar antes dos mais ricos, que vivem níveis de endividamento históricos.

O FMI, através de seu relatório semestral "Perspectivas Econômicas Mundiais", divulgado em outubro de 2009, deixa claro que há muitas incertezas sobre a recuperação da economia mundial, em função dos limites ao crédito, da baixa demanda interna dos países ricos e das necessidades de regulamentação do mercado financeiro internacional. Nesse contexto, o Fundo prevê que a economia mundial registrará uma redução média de 1% em 2009.

Essa previsão mostra o gigantismo dessa crise financeira que interrompeu um crescimento vigoroso que vinha ocorrendo na economia global nos últimos 5 anos, a uma média próxima a 5,0% ao ano.

Segundo o relatório do FMI, o desem-

penho da economia mundial, em 2009, poderia ter sido muito pior, não fossem os fortes aumentos dos Produtos Internos Brutos (PIB) dos países em desenvolvimento na Ásia, cujo crescimento regional deverá ser de 6,2% neste ano. A China e a Índia, os países mais populosos do mundo, deverão crescer cerca de 8,5% e 5,4%, respectivamente, neste ano.

Os Estados Unidos, o país gerador da crise, terá um recuo no seu PIB de 2,7%, ajudados pelos seus altos déficits fiscal e comercial. Uma queda dessa grandeza na maior economia do planeta é um freio no crescimento da economia mundial.

A queda da economia do Japão de 5,4%, prevista para 2009, é preocupante, ainda mais se considerarmos que trata-se da segunda maior economia do mundo.

O FMI aponta uma queda de 4,2% para a Zona do Euro (formada pelos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Chipre, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Malta e Portugal) neste ano. Trata-se de uma queda significativa numa região que já vinha crescendo muito pouco, o que certamente ampliará os seus problemas sociais, principalmente em relação à geração de empregos.

A América Latina, um importante mercado para o Brasil, deverá recuar 2,5% neste ano. O Brasil, segundo a previsão do FMI, terá uma queda de 0,7% em 2009, o que, dentro do contexto geral, passa a ser um bom resultado. Essa projeção, entretanto, não está de acordo com a do mercado financeiro brasileiro, que espera um crescimento de 0,10% na economia nacional em 2009.

DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

Cada país foi afetado de uma determinada forma pela crise financeira internacional. O Brasil não foi atingido diretamente pela crise, pois o seu mercado financeiro é regido por normas rígidas surgidas após experiências negativas em um passado recente. O país, entretanto, sofreu as consequências indiretas da crise, principalmente em relação à perda de poder aquisitivo dos principais países compradores de seus produtos e a escassez de créditos externos aos seus exportadores.

Em termos de escassez de créditos externos, o Governo procurou supri-los, utilizando, entre outros recursos, os das suas atuais reservas em moeda internacional, que atualmente acumulam um alto valor (em torno de US\$ 230 bilhões).

O menor poder de compra dos países desenvolvidos, que tornou o mercado inter-

nacional mais restrito, mais competitivo e mais protecionista, atingiu não só as exportações brasileiras como as de todos os demais países, reduzindo fortemente o volume do comércio entre as nações.

Para minimizar esses efeitos os empresários brasileiros vêm buscando uma maior competitividade, uma divulgação mais intensa de seus produtos e uma ampliação da diversificação de mercados já existente no comércio externo do Brasil; além, evidentemente, da luta incessante contra o protecionismo dos países mais ricos, que já vem de longa data.

Junto com o difícil mercado externo, em que os produtos brasileiros têm que ser mais competitivos, os exportadores do país estão vivendo um problema cada vez mais preocupante, que é a excessiva valorização cambial da moeda brasileira, que vem impedindo esta maior competitividade.

A saúde do mercado financeiro do Brasil, a rápida recuperação do país após a crise, a força do seu mercado interno, a sua estabilidade econômica e política e o potencial de novas oportunidades vem atraindo ao país capitais especulativos, além de um valor próximo a US\$ 25 bilhões em investimentos externos diretos, de acordo com as estimativas do mercado brasileiro para 2009. Como o Brasil possui câmbio flutuante, a maior entrada de dólares no país enfraquece a moeda americana em relação ao real. Isto eleva os preços no mercado internacional dos produtos brasileiros exportados, que perdem, conseqüentemente, a sua competitividade. Somente nesse ano de 2009, o dólar já caiu mais de 25%.

O que aumenta, ainda mais, a preocupação dos exportadores do Brasil é que a valorização da moeda nacional não parece estar esgotada, pelo contrário, tende a se ampliar. Por ironia, o otimismo mundial em relação ao Brasil está prejudicando as suas exportações.

Os efeitos da crise mundial (leia-se a queda do poder aquisitivo dos grandes compradores internacionais) e da política cambial vêm atingindo as exportações brasileiras em 2009. No período de janeiro a novembro de 2009, as vendas externas do Brasil obtiveram um valor total de US\$ 138,532 bilhões, uma queda de (-23,8%) em relação ao mesmo período de 2008 (pela média diária), com redução de valores nas três categorias de produtos. As importações e o saldo da balança comercial atingiram respectivamente US\$ 115,330 bilhões (-27,6%) e US\$ 23,202 bilhões (+2,5%), no mesmo período considerado.

As exportações de produtos básicos caíram (-15,1%), as de manufaturados

(-28,9%) e as de semimanufaturados (-26,5%), em relação ao mesmo período do ano passado (pela média diária).

Três fatos chamaram a atenção nos números registrados das exportações brasileiras no período considerado: as quedas nas exportações para os Estados Unidos (-43,7%) e para a Argentina (-34,4%), que no ano passado eram os dois maiores compradores de produtos brasileiros, e a alta nas vendas para a China (+21,6%), em plena crise.

Os principais países de destino das exportações brasileiras, no acumulado janeiro-novembro/2009, foram: 1º) China (US\$ 18,8 bilhões), 2º) Estados Unidos (US\$ 14,4 bilhões), 3º) Argentina (US\$ 10,8 bilhões), 4º) Países Baixos (US\$ 7,5 bilhões) e 5º) Alemanha (US\$ 5,6 bilhões).

As expectativas do Governo apontam para uma receita total de exportações para 2009 de mais de US\$ 150 bilhões e de US\$ 168 bilhões para 2010.

OS DESAFIOS FUTUROS

Embora haja um consenso de que os próximos anos serão caracterizados por uma melhoria crescente do mercado mundial, ainda existe uma certa preocupação quanto ao nível de endividamento e à eficácia da política adotada por cada país para combater a crise. Essa maior preocupação é voltada para a situação financeira dos países desenvolvidos, que são os grandes compradores do mercado internacional.

As atitudes em relação ao mercado externo e as medidas austeras tomadas pelas empresas exportadoras em 2009 deverão ser mantidas em 2010, ano em que o mercado deverá apresentar uma liquidez um pouco maior do que a do ano anterior.

O relatório "Perspectivas Econômicas Mundiais" mostra que o FMI acredita numa melhoria progressiva do mercado externo, que é diretamente proporcional ao desenvolvimento econômico mundial. Para 2010, ele aponta para um crescimento médio da economia global de 3,1%.

Os Estados Unidos, que são a maior economia do mundo e o segundo maior importador de produtos do Brasil, crescerão apenas 1,5% em 2010. A Zona do Euro e o Japão pararão de cair e terão crescimentos de 0,3% e 1,7%, respectivamente, em relação a 2009. É sempre bom levar em conta que estes crescimentos além de baixos são relativos a uma base muito pequena (ano de 2009), mas, sem dúvida, indicam uma tendência de recuperação econômica.

De acordo com o Fundo, a região com maiores perspectivas de crescimento, em 2010, continua sendo a Ásia, impulsionada pela China e Índia que deverão se expandir 9,0% e 6,4%, respectivamente.

O FMI prevê um aumento de 3,5% para o PIB do Brasil em 2010. Trata-se de um valor considerado bom em comparação com as

O FMI prevê um aumento de 3,5% para o PIB do Brasil em 2010. Trata-se de um valor considerado bom em comparação com as estimativas de crescimento de 2,9% na América Latina e de 3,1% na média mundial.

estimativas de crescimento de 2,9% na América Latina e de 3,1% na média mundial.

A recuperação econômica apontada pelo FMI levará, com toda a certeza, a uma reação das exportações brasileiras. Essa reação deverá ser gradual à medida que os grandes compradores vão recuperando os seus poderes aquisitivos. É bem verdade que o Fundo está embutindo em suas previsões o sucesso das políticas emergenciais desenvolvimentistas adotadas pelos países mais atingidos, que, em sua maioria, são os protagonistas do comércio internacional.

Um dos principais desafios futuros das exportações brasileiras será a forma como as empresas tirarão proveito dessa recuperação econômica. Não há dúvida, também, que os fundamentos básicos das empresas exportadoras brasileiras, principalmente as de grande porte (responsáveis por algo em torno de 90% das exportações do país), para avançarem no mercado externo já existem. Resta, portanto, intensificar o apoio às médias, pequenas e micro em-

presas brasileiras para que elas tenham condições de participar do mercado externo ou, então, de ampliar as vendas externas daquelas que já estão neste mercado.

As entidades de fomento às exportações ligadas ao Governo (BNDES, Banco do Brasil, APEX, SEBRAE, Correios, etc) vêm realizando um bom trabalho nesse sentido e todas elas estão comprometidas em ampliá-lo.

Existem dois outros desafios que os exportadores brasileiros terão que enfrentar daqui para frente e que dependem exclusivamente da vontade política do Governo. O primeiro deles, diz respeito aos baixos investimentos públicos em infraestrutura logística, que tornam os produtos do país mais caros e, portanto, menos competitivos no mercado externo. Um maior direcionamento de recursos para essa área resultaria num retorno compensador para o Brasil.

O outro desafio é referente à política cambial do Governo, em que o dólar vem se desvalorizando de forma significativa. O Brasil vem ganhando uma maior confiança dos investidores estrangeiros, o que têm proporcionado uma forte entrada de investimentos externos. Como o câmbio é flutuante, a valorização da moeda brasileira é quase inevitável, tornando os produtos do país menos competitivos no mercado internacional.

Acredita-se que este fato irá permanecer por um longo tempo, o que preocupa muito os exportadores, que exigem uma atitude do Governo para neutralizar esse efeito negativo sobre as exportações do país. A previsão é de uma entrada de investimentos externos diretos de aproximadamente US\$ 30 bilhões em 2010.

Se o Governo tiver capacidade de remover ou mesmo atenuar, os obstáculos mencionados, o Brasil passaria a ter condições de melhorar a sua colocação no ranking das maiores economias do mundo, uma vez que as exportações são um dos principais instrumentos para isso.

EXPORT

BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA PERÍODO 2000 - 2009 (US\$ bilhões)

ANO	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	SALDO
2000	55,12	55,84	- 0,72
2001	58,28	55,57	2,71
2002	60,44	47,24	13,20
2003	73,20	48,29	24,91
2004	96,68	62,84	33,84
2005	118,53	73,61	44,92
2006	137,81	91,35	46,46
2007	160,65	120,62	40,03
2008	197,94	173,21	24,73
2009 (*)	138,53	115,33	23,20

(*) de janeiro a novembro

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.